

ARQUITETURA FUNERÁRIA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA, SUSTENTABILIDADE, BIOFILIA E EFICIÊNCIA ESPACIAL EM CEMITÉRIOS

CONTEMPORARY FUNERARY ARCHITECTURE: MEMORY, SUSTAINABILITY, BIOPHILIA AND SPATIAL EFFICIENCY IN CEMETERIES

Thiago Borges Rodrigues Cunha¹, Inácio Taveira Martins Gil²

¹ Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – Afya Centro Universitário Itaperuna, ² Acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo – Afya Centro Universitário Itaperuna; E-mail do autor correspondente: inaciomartinsgil@gmail.com

Eixo Temático: 05 – Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

RESUMO

Os espaços funerários acompanham as transformações da sociedade e refletem diferentes formas de compreender a morte, preservar a memória e vivenciar o luto. Mais do que locais destinados ao sepultamento, os cemitérios passaram a assumir também funções relacionadas à paisagem, ao acolhimento e à preservação da memória coletiva. Diante do crescimento das cidades e da crescente demanda pelo uso do solo urbano, torna-se necessário repensar esses espaços, considerando alternativas como cemitérios verticais, cremação, columbários e estratégias que aproximem arquitetura e natureza. Este estudo tem como objetivo analisar aspectos históricos e contemporâneos da arquitetura funerária, considerando sua relação com a eficiência espacial, os impactos ambientais, a memória e o bem-estar dos usuários. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, reunindo estudos sobre a história da morte e dos cemitérios, urbanização, legislação ambiental, cremação, necrochorume, biofilia e paisagem, posteriormente organizados em eixos temáticos para análise interpretativa. Os estudos evidenciam que os cemitérios vêm adquirindo novos significados culturais e urbanos, ao mesmo tempo que o modelo horizontal apresenta desafios relacionados à ocupação do solo e às questões ambientais. Nesse contexto, a verticalização, a cremação e a incorporação de vegetação, iluminação natural e espaços de contemplação apresentam-se como possibilidades para otimizar o espaço e tornar os ambientes funerários mais acolhedores. Conclui-se que pensar a arquitetura funerária contemporânea exige integrar memória, sustentabilidade, planejamento urbano, acessibilidade e sensibilidade, buscando espaços que atendam às necessidades funcionais sem deixar de considerar a dimensão humana presente nos momentos de despedida e luto.

Palavras-chave: Arquitetura funerária. Cemitérios. Sustentabilidade. Biofilia. Planejamento urbano.

ABSTRACT

Funerary spaces have evolved alongside social transformations, reflecting different ways of understanding death, preserving memory, and experiencing grief. More than places intended for burial, cemeteries have also come to play roles related to landscape, welcoming environments, and the preservation of collective memory. In the context of urban growth and the increasing demand for land use, it has become necessary to rethink these spaces by considering alternatives such as vertical cemeteries, cremation, columbaria, and strategies that strengthen the relationship between architecture and nature. This study aims to analyze historical and contemporary aspects of funerary architecture, considering its relationship with spatial efficiency, environmental impacts, memory, and users' well-being. A narrative literature review was conducted, including studies on the history of death and cemeteries, urbanization, environmental legislation, cremation, necroleachate, biophilia, and landscape, which were subsequently organized into thematic axes for interpretive analysis. The findings indicate that cemeteries have acquired new cultural and urban meanings, while the horizontal model presents challenges related to land use and environmental issues. In this context, verticalization, cremation, and the incorporation of vegetation, natural lighting, and contemplative spaces emerge as possibilities for optimizing space and creating more welcoming funerary environments. It is concluded that contemporary funerary architecture requires the integration of memory, sustainability, urban planning, accessibility, and sensitivity, seeking spaces that meet functional needs while also considering the human dimension inherent in moments of farewell and grief.

Keywords: Funerary architecture. Cemeteries. Sustainability. Biophilia. Urbanplanning.

INTRODUÇÃO

Os cemitérios constituem registros materiais das relações que diferentes sociedades estabelecem com a morte, a memória e os ritos de despedida. Ao longo do tempo, esses espaços passaram de áreas essencialmente destinadas ao sepultamento para equipamentos capazes de expressar valores culturais, religiosos, artísticos e paisagísticos. A leitura histórica do espaço cemiterial evidencia, portanto, que sua configuração acompanha mudanças sociais e sanitárias e participa da construção da memória coletiva.^{1,2}

Na contemporaneidade, a institucionalização dos rituais funerários e o afastamento da morte do cotidiano contribuíram para concentrar práticas de despedida em hospitais, cemitérios, crematórios e outros ambientes especializados. Ao mesmo tempo, alguns cemitérios passaram a ser reconhecidos como lugares de identidade, patrimônio e visitação, ampliando sua função para além do sepultamento. Essa perspectiva favorece a compreensão do cemitério como parte do tecido urbano e como espaço potencial de memória, contemplação e convivência.^{2,3}

Essa discussão torna-se particularmente relevante diante da redução de áreas livres nas cidades e da necessidade de utilizar o solo urbano de maneira mais eficiente. O modelo horizontal convencional demanda extensas áreas e pode apresentar desafios de acessibilidade, manutenção e controle ambiental. A regulamentação brasileira reconhece diferentes tipologias de cemitérios e estabelece critérios para sua implantação e operação, reforçando a necessidade de planejamento técnico e ambiental.⁴

Paralelamente, princípios associados à biofilia e à integração entre natureza e ambiente construído têm sido relacionados à melhoria da qualidade da experiência espacial. Vegetação, iluminação natural, paisagem e espaços de contemplação podem contribuir para ambientes menos hostis e mais sensíveis às necessidades emocionais de pessoas em situação de luto. Nesse contexto, pensar a arquitetura funerária implica articular eficiência espacial, sustentabilidade, memória, acessibilidade e bem-estar.^{5,6}

Diante desse cenário, esta revisão tem como objetivo analisar aspectos históricos e contemporâneos da arquitetura funerária, discutindo as transformações dos cemitérios, os desafios associados ao crescimento urbano e aos impactos ambientais, as alternativas relacionadas à cremação e à verticalização e as possibilidades de aplicação de princípios biofílicos na qualificação desses espaços.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, elaborada a partir do conjunto de referências e conteúdos reunidos na etapa de fundamentação teórica do Trabalho de Conclusão de Curso sobre arquitetura sepulcral e proposta de cemitério vertical para Itaocara, Rio de Janeiro. A opção pela revisão narrativa decorre do caráter amplo e interdisciplinar do tema, que reúne contribuições da arquitetura, urbanismo, história, meio ambiente, legislação e estudos sobre memória e bem-estar.

Foram considerados materiais que abordam: história dos cemitérios e das práticas funerárias; transformações contemporâneas dos espaços de morte e memória; crescimento urbano e escassez de solo; legislação ambiental aplicável aos cemitérios; cremação; impactos associados ao necrochorume; biofilia; paisagem e bem-estar. A seleção apresentada neste resumo expandido corresponde ao referencial já identificado no TCC, sem pretensão de exaustividade.

Para a síntese, os conteúdos foram agrupados em quatro eixos: (1) evolução histórica e simbólica dos cemitérios; (2) transformações urbanas e eficiência espacial; (3) impactos ambientais e alternativas funerárias; e (4) natureza, biofilia e humanização dos espaços de despedida. A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar convergências entre os autores e implicações para a concepção arquitetônica contemporânea.

Por se tratar de revisão de literatura sem participação direta ou indireta de seres humanos ou animais e sem utilização de dados pessoais identificáveis, não se aplica submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS

A literatura consultada indica que a história dos cemitérios está associada à necessidade humana de destinar lugares específicos aos mortos e de materializar crenças, ritos e práticas culturais. Esses espaços sofreram transformações conforme mudanças religiosas, sociais e sanitárias. A partir do século XIX, preocupações com higiene e saúde pública influenciaram a criação e reorganização de cemitérios, enquanto a sociedade contemporânea passou a concentrar a morte e os rituais de despedida em ambientes especializados.^{1,2}

No contexto atual, os cemitérios podem assumir funções simbólicas e culturais que extrapolam o sepultamento. A preservação de obras funerárias, identidades e memórias coletivas aproxima determinados espaços cemiteriais da condição de patrimônio e de museu a céu aberto. Exemplos internacionais, como o Père-Lachaise, demonstram que cemitérios podem também se tornar territórios de peregrinação e interesse cultural, reforçando a necessidade de compreender esses equipamentos como componentes ativos da cidade.³

O crescimento urbano acrescenta outra dimensão ao problema. A redução de vazios urbanos, a valorização do solo e a expansão das cidades exigem maior racionalidade na ocupação territorial. Nesse cenário, a manutenção exclusiva do modelo horizontal pode acentuar conflitos de uso do solo e ampliar demandas por infraestrutura e deslocamento. A verticalização aparece como alternativa capaz de concentrar funções funerárias em menor área, desde que acompanhada de critérios adequados de acessibilidade, circulação, conforto e inserção urbana.^{4,7}

A dimensão ambiental também se mostra central. Cemitérios tradicionais necessitam de estudos geológicos, hidrogeológicos e sanitários, sobretudo em razão do potencial de contaminação associado aos processos de decomposição. A Resolução CONAMA nº 335 estabelece requisitos para o licenciamento ambiental de cemitérios e evidencia que a implantação desses equipamentos deve considerar características do terreno e proteção dos recursos ambientais.⁴

Entre os problemas discutidos no referencial do TCC está o necrochorume, líquido resultante da decomposição dos corpos, cuja gestão inadequada pode comprometer o solo e as águas subterrâneas. A literatura consultada aponta a necessidade de medidas de controle, impermeabilização, drenagem, monitoramento e adequada infraestrutura funerária. Nesse sentido, a modernização dos equipamentos não deve ser compreendida apenas como questão estética ou funcional, mas também como estratégia de segurança ambiental.⁸

A cremação e o uso de columbários aparecem como alternativas que reduzem a demanda permanente por grandes áreas de sepultamento e oferecem maior flexibilidade na destinação das cinzas. Entretanto, sua análise deve considerar aspectos culturais, legais, ambientais e operacionais. No Brasil, a cremação é disciplinada pela legislação de registros públicos e depende das condições legalmente previstas para sua realização.⁹

Outro conjunto de achados relaciona arquitetura funerária, natureza e bem-estar. O conceito de biofilia descreve a tendência humana de buscar conexão com a natureza e tem sido incorporado ao debate sobre qualidade ambiental urbana. A presença de áreas verdes e elementos naturais pode favorecer experiências positivas, reduzir a sensação de hostilidade e qualificar espaços públicos e institucionais.^{5,6}

Aplicados aos espaços funerários, esses princípios sugerem o uso intencional de vegetação, iluminação natural, vistas, percursos paisagísticos e áreas de contemplação. A arquitetura da memória pode, assim, articular elementos construídos e naturais para favorecer recolhimento, orientação, conforto e significado. Em vez de tratar o cemitério apenas como infraestrutura técnica, essa abordagem o compreende como ambiente de experiência humana,

no qual decisões espaciais podem contribuir para acolher usuários em momentos de fragilidade emocional.^{5,6}

Em síntese, os estudos analisados convergem para uma compreensão mais ampla do equipamento funerário: um espaço que precisa responder simultaneamente às exigências de uso do solo, legislação ambiental, mobilidade, acessibilidade, manutenção, memória e acolhimento. Para propostas de cemitérios verticais, essa integração é especialmente importante, pois a eficiência espacial somente se torna efetiva quando acompanhada de qualidade arquitetônica, sustentabilidade e respeito às práticas sociais relacionadas à morte.

CONCLUSÃO

A revisão evidencia que os cemitérios são equipamentos urbanos complexos, marcados por dimensões históricas, culturais, ambientais e emocionais. As limitações do modelo horizontal, especialmente quanto ao consumo de solo e às exigências de controle ambiental, reforçam a pertinência de estudar soluções como verticalização, cremação e columbários. Contudo, essas alternativas não devem ser avaliadas apenas pela eficiência técnica, mas também pela capacidade de preservar a memória, garantir acessibilidade e oferecer espaços dignos de despedida.

A incorporação de princípios biofílicos e de estratégias de humanização pode contribuir para uma arquitetura funerária mais acolhedora e integrada à cidade. Como implicação prática, projetos futuros devem articular planejamento urbano, legislação, sustentabilidade, paisagem e experiência do usuário. Recomenda-se que estudos posteriores aprofundem comparações entre tipologias funerárias e avaliem, com dados empíricos, os efeitos de diferentes soluções arquitetônicas sobre desempenho ambiental, percepção dos usuários e qualidade dos espaços de luto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Catroga F. O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911.
2. Ariès P. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Siqueira PV, tradutora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2012.
3. Borges ME. O cemitério como museu a céu aberto. In: VII Congresso Internacional Imagens da Morte: Tempos e Espaços da Morte na Sociedade; 2016; São Paulo, Brasil. São Paulo; 2016. Recurso digital.
4. Brasil. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Diário Oficial da União. 28 maio 2003; Seção 1(101):98-99.
5. Wilson EO. Biophilia. Cambridge: Harvard University Press; 1984.
6. Trevisan E, Oliveira SCS. Contribuições da biofilia para o desenvolvimento sustentável. Veredas do Direito. 2024;21:e212408. doi:10.18623/rvd.v21.2408.
7. Lefebvre H. O direito à cidade. Frias RE, tradutor. São Paulo: Centauro; 2001.
8. Carvalho LAPFB. Necrochorume: aspectos da mobilidade e da mitigação dos impactos [trabalho de conclusão de curso]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Engenharia, Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária; 2019.

9. Brasil. Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973. Dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. Diário Oficial da União. 31 dez 1973; Seção 1:13528.